



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE MONDIM DE BASTO

ATA DA REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE MONDIM DE BASTO, REALIZADA NO DIA 25 DE ABRIL DE 2014-----

Aos vinte e cinco do mês de abril do ano de dois mil e catorze, pelas quinze horas e trinta minutos, reuniu-se na Assembleia Municipal de Mondim de Basto o Órgão deliberativo deste Município em sessão solene extraordinária comemorativa do quadragésimo aniversário do 25 de Abril de 1974. -----

Faltaram à presente sessão os membros municipais Alfredo Manuel Lopes Pinto Coelho Mendonça, João Diogo Alarcão de Carvalho Branco, Artur Jorge da Silva Miguel, Maria Jacinta Carvalho Gomes e Armindo Marinho Henrique, tendo apresentado a devida justificação, pelo que a Mesa deliberou justificar estas faltas. Faltaram também à presente sessão os membros José Francisco Teixeira Lopes e Joana Assunção Faria da Cunha Alegre que, impossibilitados de comparecerem a esta sessão da Assembleia Municipal, requereram a sua substituição, nos termos das disposições combinadas nos artigos 78º nº1 e nº2 e 79º nº 1 da Lei nº 169/99, de 18 de setembro, com a redação que lhe foi dada pela Lei 5-A/2002, de 11 de janeiro, pelos cidadãos imediatamente a seguir nas listas do Partido Socialista: Joaquim Silva da Costa e Artur Jorge Silva Miguel. -----

PRESENCAS: -----

Encontravam-se presentes nesta sessão todos os elementos que nos termos do art.º 48º da Lei 169/99 de 18 de setembro com a redação que lhe foi dada pela Lei 5-A/2002 de 11 de janeiro, se impunha a obrigatoriedade ou dever de presença. -----

ABERTURA DA REUNIÃO. -----

O Senhor Presidente da Assembleia deu início à Sessão Solene da Comemoração do quadragésimo aniversário do Vinte e Cinco de Abril. -----



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE MONDIM DE BASTO

O representante do Partido Socialista, João Armando Saraiva Pereira de Almeida, fez a primeira intervenção, cujo teor abaixo se transcreve: -----

«Em primeiro lugar, queria lembrar que estamos hoje aqui, na Assembleia Municipal, uma Casa da Democracia, democraticamente eleita e que é fruto da Revolução de Abril, fruto do poder democrático da Revolução de Abril. Comemora-se hoje quarenta anos da Revolução dos militares que dirigidos pelos seus capitães acabaram com a ditadura do Estado Novo. Foi uma revolução em que as balas foram trocadas por cravos na ponta das espingardas, daí também conhecida pela Revolução dos Cravos, mas que chegou para acabar com a feroz polícia política, a famigerada Pide e depois DGS, que prendiam, torturavam e matavam os que de alguma maneira se opusessem ao regime totalitário. Foram esses militares que devolveram ao povo a liberdade, acabaram com as guerras coloniais, criaram a democracia, proporcionando-nos o aparecimento dos partidos políticos onde todos os portugueses se pudessem rever, não se apropriando eles do poder. Foi uma festa e o povo rejubilou de alegria e pode efetivamente sonhar. Sonhar com um futuro melhor, sonhar com o progresso, sonhar com a justiça, sonhar com a igualdade de oportunidades como a saúde e educação para todos. Passados quarenta anos, os portugueses têm condições de vida melhores: a água, a luz, a educação e a saúde chegaram a todos, melhoraram-se as vias de comunicação como sinal de desenvolvimento, criaram-se novas oportunidades onde a liberdade de expressão e manifestação se tornaram pilar da democracia. Contudo, ao longo destes anos, nem tudo foram rosas ou cravos. A máquina para o desenvolvimento emperrou várias vezes e, como país subdesenvolvido, em vez de criar riqueza criaram-se ricos, cavou-se um fosso maior entre ricos e pobres, uma classe média que praticamente deixou de existir, onde a justiça passou a ter duas bitolas – uma para ricos e outra para pobres – com a corrupção a grampear caminho. Pretende-se acabar com o estado social que tanto custou a erguer. Assim nasceu a propaganda de crise, problema a ser resolvido por apertar o garrote sempre aos mesmos e aos mais vulneráveis – aos pensionistas, ao funcionalismo público e pequenos empresários. Criou-se a febre de privatizar, desde a escola, a saúde e sobretudo das empresas que dão lucro ou poderiam dar, sintoma de um certo ideário político. Como diz



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE MONDIM DE BASTO

Mário Soares, «o poder político que atualmente governa Portugal configura um outro ciclo político que está contra o Vinte e Cinco de Abril, os seus ideais e os seus valores». Hoje, nas comemorações na Casa da Democracia, na Assembleia da Republica em Lisboa, tivemos que ouvir um discurso do Presidente da Republica com vergonha de usar um cravo na lapela mas não teremos por razões de supostamente casuísticas de um discurso de um militar de Abril. Viva o Vinte e Cinco de Abril, viva Mondim de Basto, viva Portugal. ---

O representante do Partido Social Democrata, Francisco Miguel Barros da Silva Ramos, fez a segunda intervenção no âmbito desta sessão comemorativa do 25 de Abril de 1974, cujo texto se transcreve: -----

«Comemoramos hoje quarenta anos de democracia em Portugal, período político que começou como todos sabemos em vinte e cinco de abril de mil novecentos e setenta e quatro. Muitos de nós que estamos aqui nesta Assembleia nunca poderão responder à velha e comum questão que é colocada «Onde estavas em 25 de Abril de 1974?», outros que aqui estão é claro poderão responder. Eu não poderei responder a essa questão porque não era nascido e por isso na intervenção que aqui pretendo fazer centrar-me-ei na perspectiva do pós vinte e cinco de Abril e não tanto no acontecimento em si e no que esteve na sua origem porque me parece que outros melhor do que eu o poderão testemunhar. Para esta intervenção, as perguntas que fiz a mim mesmo foram as seguintes: Qual é a minha opinião sobre os quarenta anos do sistema democrático em Portugal e o que é que é preciso fazer para dispormos de uma democracia mais madura e mais democrática. Relativamente à minha primeira questão, muito abertamente respondo que os primeiros quarenta anos de sistema democrático em Portugal correspondem ao que posso qualificar como a infância daquilo que será a história da democracia portuguesa contada daqui a muitos anos. São quarenta anos em que a sociedade portuguesa andou a aprender a viver em liberdade, a viver em democracia, a ter responsabilidades sobre os seus atos no seu futuro. Foi uma aprendizagem não apenas para os cidadãos em geral mas também para aqueles cidadãos que foram e que são titulares de cargos públicos. É claro, como em qualquer aprendizagem, haver bons e maus momentos. Estes quarenta anos não caracterizam um sistema democrático maduro.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE MONDIM DE BASTO

Há ainda muito a fazer no campo do respeito, da igualdade e da liberdade, seja no âmbito do trabalho, no âmbito da sociedade e, principalmente, no âmbito da política. Todos nós sabemos que a liberdade política não é exercida na sua plenitude. Ainda existe medo na participação dos comuns dos cidadãos, quero eu dizer no momento de exercer uma das maiores conquistas de Abril que é o direito de voto. Isso são ainda resquícios de uma ditadura. Mas eu prefiro pensar que são os primeiros passos de uma democracia e é por todas estas questões que entendo que estamos a terminar um período de muitos erros, de muita irresponsabilidade, que é necessário alterar. E daí passo à minha segunda questão. Na minha opinião, a resposta está na própria pergunta, ou seja, é necessário urgentemente sair da fase de infância da democracia e entrarmos na adolescência da democracia. É preciso amadurecer a cultura democrática em Portugal. De forma recorrente vimos alguns responsáveis políticos a recorrer nas suas intervenções aos valores de Abril. Os valores de Abril não valem por si próprios, não são um acontecimento acabado. Os valores de Abril são um acontecimento contínuo e que apenas vão no seu início. O amadurecimento da democracia portuguesa, na minha modesta opinião, terá que ser conseguido no âmbito de um equilíbrio entre responsabilidade e liberdade. É através de um equilíbrio entre os valores de liberdade e de responsabilidade que se conseguem sociedades mais justas e mais desenvolvidas. É necessária a responsabilização dos titulares de cargos políticos, desde a administração local à administração central. E a responsabilização que aqui estou a falar não é responsabilização criminal ou civil porque essa já existe e está consagrada em lei. A responsabilização de que falo é responsabilidade social, é a responsabilidade dos decisores políticos sobre aqueles que são os destinatários das decisões. Esta responsabilidade é equilibrada pela liberdade que os responsáveis políticos têm em gerir o erário público e que é uma responsabilidade legitimada por eleições. Ou seja, são as eleições que conseguem equilibrar a responsabilidade e a liberdade dos decisores políticos. Os eleitores, no ato de voto, devem fazer uma avaliação do que está para trás e do que se perspetiva para futuro, e aí sim, está a fazer o atuar da democracia para definir um futuro para a comunidade em que se inserem. Mas o equilíbrio entre responsabilidade e liberdade não é de exigir apenas



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE MONDIM DE BASTO

aos decisores políticos. Este equilíbrio é também de exigir a todos os cidadãos em geral, ou seja, aos eleitores. Nós, cidadãos, temos a liberdade de fazer a nossa escolha. Às vezes não a temos toda e por isso é que temos de evoluir para uma democracia mais madura. Mas existem milhentos critérios que nos orientam nas escolhas e portanto também somos responsáveis por elas. Se determinada escolha falhou não é só a responsabilidade de quem liderou esse caminho, é também de quem o escolheu e que depois não exigiu que o caminho fosse percorrido, que o projeto fosse executado ou que aquilo que se prometeu em campanha fosse cumprido. Este equilíbrio entre responsabilidade e liberdade consegue-se com uma crescente participação cívica da sociedade na política, e a crescente participação cívica só se consegue com uma sociedade plenamente interessada na política, uma sociedade que intervenha em todas as discussões políticas, uma sociedade que exerce desinteressadamente cargos públicos, uma sociedade que não faz escolhas políticas motivadas por interesses individuais dos cidadãos mas que faz escolhas políticas motivadas por interesses coletivos e que estão motivadas pelo desenvolvimento sustentado da sociedade local ou nacional. E neste campo já há muito feito mas há ainda muito a fazer. E se a sociedade tem de fazer tudo aquilo que antes referi, os decisores políticos têm que ser o exemplo para essa sociedade. Têm que a motivar e não desacreditar. Uma comunidade local ou nacional que tem a sociedade desinteressada da política não pode ser exemplo. Para concluir, para que possamos passar de uma democracia infantil (qualifiquei eu) para uma democracia adolescente temos ainda muito trabalho e tem de ser um trabalho conjunto entre a sociedade e os políticos, entre os eleitos e os eleitores. Antes de terminar, queria também só deixar aqui a minha palavra dos quinientos anos de comemoração da elevação de Mondim a concelho, e a minha palavra vai para aqueles que aqui ainda continuam e resistem apesar de todas as dificuldades que encontramos no dia-a-dia e mesmo assim contra a teimosia de todas as indicações cá se mantêm e vão conseguindo manter este concelho, esperamos por muitos e muitos anos. Para terminar, vou citar uma frase que ouvi por estes dias e que me ficou no ouvido, é uma frase do cantor José Mário Branco: «Temos os punhos cerrados mas temos as mãos nos bolsos».



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE MONDIM DE BASTO

Esta frase foi escrita pelo seu autor na década de oitenta mas pergunto eu: não está a mesma tão atual? Não teremos nós de cerrar os punhos mas ao invés tirar as mãos dos bolsos? -----

A terceira intervenção foi realizada pelo senhor Presidente da Junta de Freguesia de Mondim de Basto, Fernando Carvalho Gomes, abaixo transcrita.

«Eu, como político, como autarca, como presidente de junta, quero aqui, em primeiro lugar, fazer um reparo da minha falha na parte da manhã em que não agradeci aos escuteiros pela participação deles na cerimónia solene que foi feita no hastear da bandeira. Quero aqui também dizer que o Vinte e Cinco de Abril, estamos a comemorar os quarenta anos, mas eu quero comemorar mais o Vinte e Cinco de Abril de 1974. Como disse de manhã, todos aqueles que foram para o Ultramar, perderam as suas vidas, vieram com deficiências ou com saúde, e também aqueles que ao longo da ditadura lutaram para que essa data fosse possível, não podemos esquecer todas as pessoas que contribuíram para essa data. Alguns tiveram que ficar mais no anonimato ou no passivo mas contribuíram para essa data. Eu sou português mas nessa altura estava no Brasil, país com ditadura mas que na altura passava despercebida. Para mim, a democracia tem uma palavra pilar que é a liberdade. E essa palavra tem outras coisas associadas a ela que é o direito, o dever, a obrigação e o respeito. Se essas quatro palavras não forem associadas à palavra liberdade, a democracia de pouco vale. E eu, como autarca, como político, respeito isso, tento cumprir e acho que cumprio. Entendo que não sou nenhuma autoridade, sou a pessoa que o povo elegeu. Se eu sou a voz do povo eu tenho que ser o mais possível transparente, o mais possível próximo do povo e eu tenho que dar resposta e estar atento a tudo o que as pessoas precisam. Eu não sou mais do que ninguém, eu sou a pessoa que representa o povo. E o Vinte e Cinco de Abril para mim é isso, a democracia é isso. Todo o mundo merece uma resposta, o respeito e que a diferença seja respeitada. Eu entendo que não há diferenças quer no estatuto social, quer no sexo, quer na religião. Somos todos iguais. E é isso que é importante que exista na democracia e é assim que eu estou na política, quer gostem, quer não gostem. E se eu, modéstia à parte digo, se continuo a ser eleito alguma coisa se está a fazer que agrada às pessoas e a forma de agradar não é dar sem merecer mas sim dar porque a pessoa precisa.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE MONDIM DE BASTO

Há bocado falou-se na questão social e uma das coisas que o Vinte e Cinco de Abril conseguiu e tem vindo a conseguir é justamente na parte social. Não conheci mas sei que em Portugal havia um fosso muito grande na área social. E eu vivo essa situação. Claro que não é uma situação que irá ser resolvida mas temos que fazer os esforços como políticos para minimizar esse fosso. E é assim que eu sou: todos os problemas que me são colocados, quer como autarca, quer como político, eu tento resolver. Em oito anos, eu aprendi, como autarca, que ou há o não ou há o sim. Se há o não, ele tem que ser justificado. Se há o sim, ele também tem de ser justificado. Não quero desvalorizar os discursos dos meus antecedentes a nível nacional, eu resumo a minha terra. É aqui que eu tenho de fazer o meu trabalho na democracia, e cada um irá fazer o seu trabalho, até chegar ao topo máximo do nosso governo. Acho que é assim que o governo também pensa. Que os autarcas seguintes façam o seu trabalho para a democracia e se cada um cumprir essas obrigações e deveres que a democracia exige penso que globalmente o nosso país irá ter melhores condições de vida, melhores condições sociais, melhores condições na área da educação e da saúde. Eu sou um mondinense, eu sou um português, eu sou uma pessoa que gosta de liberdade, gosto de respeitar todos, gosto que todos me respeitem. Para resumir, esta assembleia, aonde eu tenho a minha participação, é a casa da democracia, é a casa aonde deve haver a maior transparência possível. É por aqui que passam todas as atitudes dos gestores deste concelho. É nesta casa aonde eu exijo resposta e é na casa onde eu estou onde me exigem respostas e eu dou respostas. Viva o Vinte e Cinco de Abril. Viva Mondim de Basto.» -----

De seguida o Senhor Presidente da Assembleia Municipal tomou a palavra para fazer a sua intervenção relativa às comemorações do Vinte e Cinco de Abril, cujo teor se reproduz: -----

«Falar sobre o Vinte e Cinco de Abril de 1974 é recordar um dia em que a esperança de uma vida melhor para todos estava no ar. Eu vivi vinte anos antes, assisti aos movimentos de preparação desta revolução porque estava a cumprir serviço militar e porque de facto passaram-se coisas junto de mim que eu não entendi porque de facto nada percebia de política, aliás muito pouca gente percebia a não ser quem estava dentro daqueles



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE MONDIM DE BASTO

ambientes e portanto passaram-se coisas desde o desaparecimento de armas onde eu estava, portanto os movimentos estavam a acontecer, panfletos alusivos à revolta, alusivos à deserção, pois todos os dias tínhamos disso por perto. Eu fui para o serviço militar em 1973 e foi nessa altura que a revolta se começou a preparar. Como estava a cumprir o serviço militar obrigatório num local isolado no interior de Moçambique, só tive conhecimento desta revolta no dia vinte e seis através de uma rádio sul-africana porque não tivemos outro meio de comunicação. Oficialmente só uma semana depois é que tive conhecimento dessa revolta. Mas nada mudou nesse ambiente em que nós vivíamos. De qualquer maneira, foi uma alegria enorme comunicada aos soldados, foi para todos eles uma notícia exuberante e foi de facto muito comemorada porque a guerra colonial foi uma das causas que conduziram à revolta do Vinte e Cinco de Abril, ninguém tem dúvida disso. Há muitos motivos, a repressão sobretudo da Pide, mas a guerra colonial foi o motor para que o povo entrasse na luta porque só os políticos não conseguiam. A guerra colonial mexeu com as pessoas anónimas, com as pessoas analfabetas, com as pessoas que tinham coração, que nada percebiam de política mas que sabiam o que sentiam. Mexeu com as pessoas de todos os lugares do país. Havia desespero entre a população portuguesa devido à mobilização dos jovens para a guerra em África e de onde muitos não voltavam com vida. Ao exigirem o fim da guerra e a descolonização imediata, os revoltosos tiveram apoio incondicional da população anónima que assim via dissipado um pavor que os apoquentava logo após o nascimento de uma criança. Penso que os mais velhos se lembram que quando alguma jovem engravidava toda a gente lhe dirigia a palavra dizendo: Espero que seja uma menina para não ir para a guerra. Era de facto uma frase que eu ouvi muitas vezes. Era um terror para qualquer família ter um rapaz porque as pessoas começavam logo a ter medo do que lhes podia acontecer. E hoje a população sabe o que fazer em relação a esta comemoração? Parece-me que há um grande laxismo e até algum desânimo em relação às conquistas resultantes desta revolução. Faz todo o sentido que não esqueçamos este dia porque é necessário lembrar aos mais jovens as razões que levaram a esta revolução e que o país ganhou vida após esta revolução. Esquecer e não lutar pelos direitos e liberdades adquiridos com ela é abrir caminho para que os



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE MONDIM DE BASTO

governantes sem escrúpulos nos possam amordaçar de novo. A crise que estamos a viver de âmbito mundial constitui uma ameaça à democracia representativa que foi a principal conquista da revolução dos cravos. O Vinte e Cinco de Abril foi uma revolução política mas que desencadeou também transformações a todos os níveis da sociedade no sentido de mais crescimento, maior desenvolvimento e melhor estado social. Até há bem pouco tempo isso foi conseguido em parte. Todavia, os tempos mais recentes têm sido reveladores de um percurso de sentido inverso que consubstancia o empobrecimento sem precedentes na história recente de Portugal. Ou seja, estamos perante uma outra revolução mas agora no sentido contrário à revolução de Abril. No sábado passado foi publicado no jornal I uma entrevista a um senhor muito ligado à banca a propósito das comemorações dos quarenta anos do Vinte e Cinco de Abril e foi perentório em afirmar, quando lhe perguntaram o significado desta data: que «o tempo está acabado, já teve o seu momento. Parece-me bem que se recorde e que sirva de reflexão para se fazer melhor». Eu dir-lhe-ei, é minha opinião, que o Vinte e Cinco de Abril será sempre um símbolo da liberdade e desenvolvimento. Liberdade de ação num tempo em que os interesses económicos subjagam os mais fracos aos mais ricos. Desenvolvimento que é um desejo que atualmente preside sobretudo nas regiões mais desfavorecidas. Não é nem nunca será um tema acabado, coisa que este senhor não entende. Recordar o Vinte e Cinco de Abril é acreditar que existe futuro sem tempo para desânimos ou laxismos. Neste tempo difícil que vivemos aos políticos pede-se verdade e trabalho, sem falsas promessas, e aos cidadãos lembrar que sem trabalho nada se consegue. Os grandes homens não o são pelas grandes ideias que têm mas pelo que delas fazem. O nosso país tem de acordar de vez e levantar-se como fez noutros períodos difíceis da sua história e posso dar-vos o exemplo da crise política do século XIV que quase nos levou a perder a independência, a ocupação espanhola no século XVII, também no período dos descobrimentos sobretudo com o seu declínio passamos por um período de muita riqueza a uma miséria absoluta. Foi difícil e a população portuguesa teve coragem para poder ultrapassar estas fases, como eu penso que vai ter agora. Existe um sentimento de revolta contra a impunidade de alguns. Abril é tempo de consensos e de fazer imperar o desígnio nacional que a todos congregue



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE MONDIM DE BASTO

rumo à saída desta crise. E gostaria ainda de lembrar uma outra frase que este senhor, na mesma entrevista, disse: «Após o Vinte e Cinco de Abril, nacionalizando a banca tomou-se conta do tecido empresarial e hoje acontece o mesmo. Quem domina os bancos chega a todo o lado». Este senhor faz jus à noção que se tem a nível europeu. Os políticos de alguns países estão a ser substituídos pelos novos poderes – os mercados, os bancos, autênticas máquinas de privatização de lucros – mas de socialização de riscos a pretexto de alegado risco sistémico – quando há riscos é o estado que tem de devolver o dinheiro que perderam – e claro as famosas agências de rating Neste dia em que comemorámos o quadragésimo aniversário do Vinte e Cinco de Abril no concelho de Mondim, entendo que devemos juntar a nossa voz aos demais portugueses dando força a quem dela precisa pra que seja feito o que é necessário. A realidade do país perpassa por todo o território por isso o nosso concelho vive também com esses problemas, com dificuldades mas também com muita vontade e determinação em vencer. É nesta assembleia, já foi aqui dito e bem, casa da democracia, onde se deve fazer o debate necessário independentemente da ideologia partidária sobre todas as questões do concelho. Assim, devemos fazer daqui, sem receio, sem falsos moralismos, tudo o que pudermos e da forma que soubermos para influenciar no sentido que seja feito o melhor para o nosso concelho. Aqui é o lugar da palavra. Assim a saibamos utilizar. É fundamental que saibamos interpretar e respeitar as palavras de cada um para que delas retiremos o que de facto é importante. Nesta comemoração, em que se assinala a liberdade e o desenvolvimento, quero salientar a contribuição do poder local (porque é isso que nós representamos) no incontestável desenvolvimento operado do nosso país e ele tem-se revelado uma das conquistas de Abril mais assertivas em termos de eficiência, mesmo nos tempos que correm, num contexto de tão grave crise, porventura a pior desde o Vinte e Cinco de Abril de 1974, tem conseguido manter essa eficiência. A administração local, ao contrário da administração central, tem vindo a fazer o seu ajustamento com sucesso. E, agora, gostaria de dizer ao Senhor Presidente da Câmara, que queremos continuar a contar consigo, com a sua determinação e a sua persistência para elevar o concelho de Mondim de Basto a um patamar ainda mais elevado, fazendo jus ao mérito do poder local. É em conjuntura como esta que o



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE MONDIM DE BASTO

diálogo, a interpolação e o confronto de ideias mais importantes se tornam na medida em que podem contribuir para novas estratégias e orientações. Não podia terminar sem vos apresentar um excerto de um poema que ontem ouvi, cantado, um excerto da trova O Vento Que Passa de Manuel Alegre: -----

-----Mas há sempre uma candeia-----

-----Dentro da própria desgraça-----

-----Há sempre alguém que semeia-----

-----Canções no vento que passa-----

-----Há sempre alguém que semeia-----

-----Canções no vento que passa-----

-----Mesmo na noite mais triste-----

-----Em tempo de servidão-----

-----Há sempre alguém que resiste-----

-----Há sempre alguém que diz não-----

Viva o Vinte e Cinco de Abril. Viva Portugal. Viva Mondim de Basto. -----

Por fim o Senhor Presidente da Câmara usou da palavra para fazer a sua intervenção, cujo teor se reproduz: -----

«Hesitei estes dias sobre o que deveria fazer neste momento solene, na nossa casa da democracia: um discurso com algumas notas soltas ou um discurso escrito, formal, segundo as regras do protocolo. O Vinte e Cinco de Abril merece e justifica, e quarenta anos são, como diz o povo, uma conta bonita. «Por um país de pedra e vento duro, por um país de luz perfeita e clara, pelo negro da terra e pelo branco do muro, pelo rosto de silêncio e paciência, pelos rostos iguais ao sol e ao vento» assim descreveu Sofia de Mello Breyner a Pátria. Há quarenta anos um país cinzento, sem liberdade, sem esperança, adiado e oprimido, continuaria na pacatez e na rotina, não fosse alguém ter dito não. Sim, porque há sempre alguém que resiste, há sempre alguém que diz não. O povo que, como escreveu Miguel Torga, magou os pés no chão onde nasceu, pagou a terra e o pão que lhe pedia. Um país que negou a felicidade a milhares de jovens que na altura emigraram ou que foram



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE MONDIM DE BASTO

empurrados para a guerra. Hoje, como há quarenta anos, é preciso resistir e é preciso dizer não. As palavras por si só não mudam o país nem o mundo. Mas devemos aceitar como se estivéssemos satisfeitos com tudo o que vemos, vivemos e presenciamos. Eu gosto do meu país mas não quero um país assim. Um país que aceita sacrificar, numa ou mais gerações, em nome de uma meta longínqua, talvez que nunca será alcançada, talvez lá para 2040 isto comece a melhorar. Como alguém disse, a médio prazo, estamos todos mortos. Habitua-mos a partilhar o nosso dia-a-dia com termos tão estranhos e abstratos - indicadores económicos, situação financeira, índices para todos os gostos e feitios – como se a nossa vida fosse feita apenas disso. A felicidade, a dignidade, a igualdade vão sendo apagadas dos discursos, como cantou Zeca Afonso «Vejam bem, não há só gaiotas em terra quando um homem se põe a pensar», como escreveu Natália Correia «Temos fantasmas tão educados que adormecemos no seu ombro. Somos vazios despovoados de personagens de assombro». Se adormecermos no ombro da inevitabilidade, se aceitarmos que é assim porque não pode ser de outra maneira, se continuarmos a ignorar estes fantasmas educados, então seremos em breve um vazio despovoado. Eu gosto do meu país, mas não quero um país assim. Um país em que o Estado vira as costas e abandona parte do seu território, em que os cidadãos são afastados dos direitos essenciais, como a justiça. Brevemente teremos que nos deslocar a outro concelho para cumprir um dever fundamental – pagar impostos. Um país que não nos garante igualdade nos direitos mas que nos impõe igualdade nos deveres. Talvez seja a hora de lembrar que no passado, em nome de princípios que aceitamos sem contestar, o país e a humanidade tiveram os seus momentos mais negros. Ouvimos apenas palavras de desgraça, de medo, de ansiedade e de desconfiança no futuro. Precisamos de palavras inspiradoras, de confiança e de esperança. Os rios têm de voltar a transportar os sonhos. O vento tem de voltar a semear a confiança, o perfume dos cravos, a esperança de um país descrente. Porque eu gosto do meu país mas não quero um país assim. E termino, como escreveu Manuel Alegre, «o mundo é do tamanho que os homens querem que o mundo tenha». -----

Encerramento da Reunião -----



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE MONDIM DE BASTO

Tendo terminado as intervenções, o Senhor Presidente da Assembleia deu por encerrada a presente sessão da qual se lavrou a presente ata, que depois de lida na sessão de 25 de junho de 2014, e por estar conforme, foi aprovada e vai assinada pelo Senhor Presidente de Assembleia e pela funcionária Emília de Carvalho Gonçalves, designada para o efeito pela Autarquia, que a redigiu, para valer como tal. -----
